

Ao director do PÚBLICO, José Manuel Fernandes
Ao Conselho de Redacção do PÚBLICO
Ao provedor do PÚBLICO

Considero que o tratamento dado pelo provedor ao meu trabalho na última crónica não só é injusto como enferma de graves defeitos na forma como foi diligenciado pelo provedor.

A 29 de Dezembro, o provedor enviou-me este mail, que se concentrava na caixa, não assinada e de natureza factual, apresentado dados básicos sobre a radiação solar

From: Rui Araújo
Sent: sexta-feira, 29 de Dezembro de 2006 16:41
To: Clara Barata
Cc: Provedor
Subject: RE: do provedor do leitor do Público

Cara Clara Barata,
Tomo a liberdade de lhe solicitar mais um esclarecimento relacionado com um artigo seu ("Em busca do autobronzeador ideal" + "Os efeitos de UVA e UVB") publicado na revista Pública (22/10/2006).

Eis as perguntas:

- 1- O texto não assinado publicado na coluna de direita da página "CIÊNCIA LOUCA" (página 72) também é da sua autoria?
- 2- Se assim for, como explica o facto de uma parte desse texto ter sido publicado em inglês?
- 3- Quais as fontes utilizadas para a elaboração desse referido texto (da coluna de direita)?
- 4- Qual a explicação para a ausência de citação da(s) fonte(s) nesse mesmo texto?

Fico a aguardar as respostas.

Mais uma vez obrigado pela colaboração.

Os meus melhores cumprimentos,

Rui Araújo

Provedor do leitor do Público

Foi a estas perguntas que respondi, nesse mesmo dia, nas afirmações publicadas pelo provedor na última crónica, com estas palavras:

Bom, é de facto lamentável que o texto tenha saído assim; não tinha reparado que saiu com um extracto da frase em inglês. Sobrou de um local de onde tirei a informação, obviamente. Não está citado porque consultei vários sítios na Internet, para recolher informação e compará-la. Nem sempre esse trabalho de pesquisa é citável, porque podem ser mais as citações do que o próprio texto, como era o caso dessa caixa. Sei que algumas pessoas gostam de dizer que copiamos tudo e traduzimos, mas fazemos o mesmo que qualquer pessoa que esteja a estudar um determinado tema faz, que é procurar informação, compará-la e trabalhá-la, sobretudo quando se procura fazer passar uma informação útil, como é o caso dessa caixa. As citações são essenciais, mas devem-se fazer quando se utiliza de facto um naco de informação único e precioso para compor o trabalho (por exemplo, podem-se consultar vários jornais e todos reproduzem um mesmo telex, com pequenas afinações; da mesma forma, uma informação de saúde pode ser apresentada em vários "sites", livros e outras fontes, na íntegra ou com pequenos ajustes, e não se devem citar todos os sítios consultados). Para fazer a caixa, não me lembro que sítios citei, mas sei que andei por vários sítios para coligir informação. O que não devia ter acontecido era sair um extracto em inglês - até porque o texto passou por várias mãos até sair -, isso com toda a certeza...

Vários dias se passaram sem notícias do provedor, até que no dia 4 de Janeiro ele me envia esta mensagem, que caiu na minha caixa de correio pelas 10h00. Mas nesse dia estive parte do dia fora da redacção e, quando regressei, dediquei-me a fazer o trabalho que ocupa grande parte da página de ciência dessa edição e aliás é o tema de foto da capa dessa edição. Só vi a minha caixa de correio electrónico depois das 21h00, quando estava finalmente a preparar a edição do dia seguinte.

From: Rui Araújo
Sent: quinta-feira, 4 de Janeiro de 2007 10:57
To: Clara Barata
Subject: RE: do provedor do leitor do Público

Cara Clara Barata,
Agradeço a resposta facultada às minhas perguntas.
Tomo a liberdade de lhe comunicar que os elementos de que disponho apontam para a reprodução de frases e parágrafos sem indicação das fontes e sem aspas.
Permita-me formular a seguinte sugestão: não quer reformular a sua resposta?
Fico, portanto, a aguardar uma eventual resposta.
Os meus melhores cumprimentos,
Rui Araújo
Provedor do leitor do Público

Respondi à mensagem pelas 21h00, e já depois de ter enviado a minha resposta recebi ainda esta mensagem:

From: Rui Araújo
Sent: quinta-feira, 4 de Janeiro de 2007 20:52
To: Clara Barata
Cc: Provedor
Subject: complemento de informação do provedor do leitor do Público

Boa noite,
Como não respondeu à mensagem que lhe enviei esta tarde tomo a liberdade de lhe dizer que - caso pretenda - pode enviar-me as respostas reformuladas (proposta minha) sobre os artigos "Em busca do autobronzeador ideal" + "Os efeitos de UVA e UVB" até amanhã, sexta-feira (posso esperar até às 16H30).
Caso opte por não o fazer as respostas iniciais que teve a amabilidade de me enviar serão publicadas na próxima crónica do provedor do leitor do Público.
Mais uma vez obrigado.
Os meus melhores cumprimentos,
Rui Araújo
Provedor do leitor do Público

Transcrevo aqui a minha resposta, enviada antes de receber esta que acabo de copiar. E é de frisar que estou sempre a reportar-me à caixa factual. Menciono algo que a editora da Pública me disse entretanto que o provedor lhe tinha dito. E, sublinho, mais uma vez, estou sempre a reportar-me à caixinha de dados não assinada que complementa o artigo.

Tudo o que disse antes se mantém; quando se procuram informação básica consultam-se várias fontes e comparam-se para fazer a aferição dos dados. É informação repetida de sítio

para sítio, o que se procuram são os factos. Não me lembro dos sites que consultei para fazer essa caixinha mas acho completamente louco que alguém possa considerar isso plágio, como a Dulce Neto me disse que lhe falou. Não é propriamente preciso comprar citações de vários canhanhos para explicar uma escala ou uma fórmula química, que são matérias assentes em termos científicos.

A seguir, o provedor respondeu desta forma:

From: Rui Araújo
Sent: quinta-feira, 4 de Janeiro de 2007 21:15
To: Clara Barata
Cc: Provedor
Subject: RE: resposta do provedor do leitor do Público

Boa noite,
Recebi a resposta e agradeço a amabilidade.
Publicarei então as respostas iniciais já que tudo o que disse antes "se mantém".
Permita-me formular então mais um pedido de comentário seu: quais as fontes do artigo ("Em busca do autobronzeador ideal") e a razão que a levou a não as explicitar na totalidade e a não colocar as aspas nos textos alheios?
Mais uma vez muito obrigado.
Melhores cumprimentos,
Rui Araújo
Provedor do leitor do Público

Neste momento, a minha incompreensão do que está ele afinal a falar é grande. Por isso lhe enviei este mail:

Sinceramente, não faço a menor ideia daquilo a que se refere

A resposta foi esta:

From: Rui Araújo
Sent: quinta-feira, 4 de Janeiro de 2007 21:18
To: Clara Barata
Cc: Provedor
Subject: complemento de informação/ provedor do leitor do Público

Boa noite,
Por uma questão de honestidade permita-me comunicar-lhe o seguinte:
Os dois textos seus já referidos nas anteriores mensagens contêm inúmeras frases de fontes não mencionadas. Essas mesmas frases também não estão entre aspas.
Caso pretenda complementar as suas respostas iniciais eu aceito.
Mais uma vez obrigado.
Os meus melhores cumprimentos.
Rui Araújo
Provedor do leitor do Público

No mail que se segue, envio-lhe o texto e a caixa copiados na mensagem, na íntegra, para tentar perceber ao que é que ele está de facto a referir-se:

Cito três fontes neste texto e julgo que existiria ainda um comunicado de imprensa. Quantas mais seria necessário, que não estou a perceber?

Em busca do autobronzeador ideal

Um creme que estimula as células produtoras do pigmento melanina em vez de simplesmente pintar a pele está a ser desenvolvido nos EUA

Clara Barata

O bronzeado do Verão dentro de uma garrafa é o que já prometem muitos produtos de beleza, mas os resultados nem sempre são os prometidos. Há os que deixam a pele cor-de-laranja, delineando uma clara fronteira de cor com a parte do corpo em que não foi esfregado, outros que fazem com que se tenha um ar de quem não se lava há um mês... Mas agora os cientistas inventaram o que promete ser o autobronzeador ideal e que, ainda por cima, protege contra o cancro da pele.

Por ora, as experiências foram feitas apenas com ratinhos sem pêlo, mas a equipa de John D’Orazio, da Universidade do Kentucky (EUA), relatou na revista “Nature” ter criado um creme que estimula as células a produzir o efeito de bronze, mas sem ser necessária a exposição ao Sol.

Até um certo limite de exposição, a luz solar pode deixar-nos com uma cor bonita. Mas, passados esses limites, a radiação pode provocar alterações no ADN celular que conduzam ao desenvolvimento de cancro. É contra isso que pretende lutar a equipa de D’Orazio: “Não estamos a fazer isto por motivos cosméticos – estamos a tentar encontrar formas de prevenir o cancro”, explicou D’Orazio à revista “Wired”.

“O melanoma é o cancro cuja incidência mais tem crescido nas últimas três décadas.” O problema é não só a exposição à luz solar na praia, mas também a procura de um bronzeado rápido obtido sob as lâmpadas de um centro de estética. “Se este creme poder ajudar a evitar que as pessoas se deitem nas camas de bronzeamento, ficarei feliz”, comentou.

A chave deste novo autobronzeador está num extracto de plantas chamado forskolina que, nas experiências da equipa, protegeu ratinhos sem pêlo de radiação ultravioleta e permitiu-lhes desenvolver um bronzeado natural, estimulando os seus melanócitos, que são células produtoras de pigmentos – que nos fazem ficar mais escuros, quando nos expomos ao Sol.

A capacidade de se bronzear – ou de simplesmente se queimar, como acontece a algumas pessoas – é controlada pela hormona de estimulação dos melanócitos, que se liga a uma proteína que existe no exterior destas células. Esta proteína, que se chama receptor de melanocortina 1, funciona mal em muitas pessoas que têm a pele clara e o cabelo ruivo. É por isso que não se conseguem bronzear, e ainda por cima correm maiores riscos de desenvolver cancro da pele.

A equipa de D’Orazio usou ratinhos que tinham esse receptor defeituoso, e concluiu que, se fossem tratados com o creme com forskolina, bronzeavam-se, sem ficarem queimados. Numa segunda série de experiências os cientistas usaram ratinhos susceptíveis ao cancro, expondo-os ao equivalente a uma a duas horas de Sol na altura do meio-dia solar, diariamente, durante 20 semanas. Os ratinhos que usaram o creme protector desenvolveram menos tumores.

“Não há nenhuma razão para que este tratamento não resulte em seres humanos”, comentou D’Orazio, citado pela revista “New Scientist”. No entanto, este produto nunca foi testado em pessoas, por isso não se sabe se será seguro e tão eficiente como nos ratinhos, embora haja já algumas empresas interessadas em fazer ensaios com vista à sua comercialização.

Os efeitos de UVA e UVB

Há frequências da radiação ultravioleta que bronzeiam a pele: UVA (315 a 400 nanómetros) e UVB (280 a 315 nanómetros)

Efeitos da UVA

- Faz com que os melanócitos libertem melanina que já está produzida
 - Faz com que a melanina se combine com oxigénio, o que produz o escurecimento da pele
 - Está relacionada com o rápido envelhecimento da pele
 - Parece ser menos cancerígena que a UVB, mas causa melanoma, que é uma forma perigosa de cancro da pele
 - Não é bloqueada pela maior parte dos protectores solares, mas pode ser travada, em boa parte, pela roupa
- is present more uniformly throughout the day, and throughout the seasons than UVB

Efeitos da UVB

- Desencadeia a produção de mais melanina na pele
- Distorce e danifica as cadeias de ADN das células
- Causa o crescimento de sinais e algumas formas de cancro da pele (mas não melanoma)
- Envelhece a pele (menos que a UVA)
- Estimula a produção de vitamina D, que é essencial ao organismo, e diminuiu os riscos de outros cancros
- Queima mais facilmente que a UVA se houver sobreexposição; em pequenas quantidades, é benéfica
- Pode ser quase completamente bloqueada pelos protectores solares.

A resposta que se segue do provedor, que colocou na sua crónica, tem dados da caixa que saiu na Pública e excertos em inglês muito próximos, de facto, mas não me diz de onde são retirados. Diz aliás uma frase que me parece bastante estranha, para quem está a confrontar alguém com acusações graves como as de plágio: “Não posso ajudar mais.” É um procedimento que me parece muito errado, esperado num julgamento sumário mas não em qualquer sistema de direito: dá o acusado por culpado à partida, e espera que o acusado se auto-acuse de tudo e mais alguma coisa, sem nunca formular a acusação. Neste caso, formular a acusação seria confrontar o autor do texto com as fontes alegadamente copiadas. Não com extractos sem dizer de onde provêm, e com a frase “não posso ajudar mais.”

From: Rui Araújo

Sent: quinta-feira, 4 de Janeiro de 2007 21:29

To: Clara Barata

Cc: Provedor

Subject: RE: complemento de informação/ provedor do leitor do Público

Agradeço a última mensagem que me enviou há escassos minutos.

Eis alguns exemplos de frases polémicas (retiradas dos textos assinados pela Clara):

Faz com que os melanócitos libertem melanina que já está produzida.
causes release of preexisting melanin from the melanocytes

Faz com que a melanina se combine com oxigénio, o que produz o escurecimento da pele.

causes the melanin to combine with oxygen (oxidize), which creates the actual tan color in the skin

Parece ser menos cancerígena que a UVB, mas causa melanoma, que é uma forma perigosa de cancro da pele.

seems to cause cancer less than UVB, but causes melanoma, a far more dangerous type of skin cancer than other types

Não é bloqueada pela maior parte dos protectores solares, mas pode ser travada, em boa parte, pela roupa

is not blocked by many sunscreens but is blocked to some degree by clothing

is present more uniformly

throughout the day, and throughout the seasons than UVB.

is present more uniformly throughout the day, and throughout the seasons than UVB

EFEITOS DA UVB

Desencadeia a produção de mais melanina na pele.

áátriggers creation and secretion of new melanin into the skin

Distorce e danifica as cadeias de ADN das células

Causa o crescimento de sinais e algumas formas de cancro da pele (mas não melanoma)

is thought to cause the formation of moles and some types of skin cancer (but not melanoma)

Envelhece a pele (menos que a UVA)

causes skin aging (but at a far slower rate than UVA.)

Estimula a produção de vitamina D, que é essencial ao organismo e diminui os riscos de outros cancros

stimulates the production of Vitamin D, which promotes lower rates of disease, and ironically lower rates of skin and other types of cancer

Queima mais facilmente que a UVA se houver sobreexposição; em pequenas quantidades é benéfica

is more likely to cause a sunburn than UVA as a result of overexposure, however moderate exposure can be healthy

Pode ser quase completamente bloqueada pelos protectores solares

is almost completely blocked by virtually all sunscreens

E ainda:

“A chave deste novo autobronzeador está num extracto de plantas chamado forskolina que, nas experiências da equipa, protegeu ratinhos sem pêlo de radiação ultravioleta e permitiu-lhes desenvolver um bronzeado natural, estimulando os seus melanócitos (...).

“The key chemical, a plant extract called forskolin, protected mice against UV rays and allowed them to develop a natural tan by stimulating pigment-producing cells called melanocytes.

A capacidade de se bronzear – (...) – é controlada pela hormona de estimulação dos melanócitos, que se liga a uma proteína que existe no exterior destas células. Esta proteína, que se chama receptor de melanocortina 1, funciona mal em muitas pessoas que têm a pele clara e o cabelo ruivo. É por isso que não se conseguem bronzear, e ainda por cima correm maiores riscos de desenvolver cancro da pele.”

“The ability to tan is largely controlled by a hormone called melanocyte-stimulating hormone, which binds to the melanocortin 1 receptor (MC1R) on the outside of melanocytes. Many people with with red hair and fair skin

have a defect in this receptor, meaning they find it almost impossible to tan and are prone to skin cancer”.

Numa segunda série de experiências os cientistas usaram ratinhos susceptíveis ao cancro, expondo-os ao equivalente a uma a duas horas de Sol na altura do meio-dia solar, diariamente, durante 20 semanas.

In a second experiment, a particularly cancer-prone strain of mice, also bred to lack effective MC1Rs, were exposed to the equivalent of 1 to 2 hours of midday Florida sunlight each day for 20 weeks.

Acho que dá para entender. Estas frases assinadas por si não contêm a indicação da autoria e não estão colocadas entre aspas...

Não posso ajudar mais.

Os meus melhores cumprimentos.

Rui Araújo

Provedor do leitor do Público

O dever do provedor, quando está a formular acusações tão graves, é apresentar os dados concretos. Se me tivesse apresentado a notícia da “New Scientist” – que é uma das fontes citadas no texto, como está lá bem claro – a minha resposta teria sido muito diferente da resposta exasperada que lhe enviei, e da qual fez uso na crónica:

E porque raio haviam de estar colocadas entre aspas, pergunto-lhe eu? Não me lembro minimamente de onde tirei os dados da caixa, podem ter vindo em grande parte de um sítio, não faço a mais pequena ideia, mas duvido que seja de algum autor que se sinta expoliado (porque são dados factuais, como já disse várias vezes). E as últimas frases devem estar repetidas em todas as notícias escritas sobre o assunto, mais ou menos da mesma forma, porque são provenientes de um comunicado de imprensa. Quem quiser procurar frases e expressões iguais ou semelhantes a outras em inglês ou português encontrá-las há muito no Público ou até no New York Times

Acontece que na crónica que publicou o provedor esta confusão entre os dados da caixa e o texto propriamente dito é aprofundada. A mensagem que se passa é que escrevi um texto sem citar fonte alguma, e que não me interessa de onde retiro a informação. Ora isto não podia andar mais longe da verdade.

Esta confusão deve-se a uma série de erros na forma como o provedor lidou com o processo, que passo a explicar, ponto por ponto.

- Primeiro, o contacto feito comigo, até ao momento em que ele já estava a escrever a crónica, foi apenas e só relativamente à caixinha de dados factuais. E nunca me disse de onde considerava que era proveniente (a Wikipédia), para que eu pudesse comparar. Como disse, consulto várias fontes para explicar dados básicos e factuais, para aferir os dados, e esses estão muitas vezes repetidos, muitas vezes têm uma mesma origem. Este texto foi escrito em Setembro, já muitas coisas se passaram entretanto, já escrevi sobre muitas outras coisas e, se guardo o material relativo àquilo que escrevo durante algum tempo, já não tenho as coisas referentes a esse artigo e caixa.

- Segundo, o provedor só no dia em que estava a escrever a crónica (quinta-feira, dia 4) resolveu enviar-me um mail, de conteúdo bastante vago, dizendo “Tomo a liberdade de lhe comunicar que os elementos de que disponho apontam para a reprodução de frases e parágrafos sem indicação das fontes e sem aspas.”

A leitura óbvia é que continua a falar da caixinha. E faz uma sugestão que não faz grande sentido, porque tanto quanto eu sabia, nada se tinha alterado em relação ao último mail. “Permita-me formular a seguinte sugestão: não quer reformular a sua resposta? Fico, portanto, a aguardar uma eventual resposta.”

- Quando me mandou este críptico ultimato, o provedor não fazia a menor ideia do que era a minha agenda profissional ou pessoal. Eu podia estar de férias, fora em serviço durante bastante tempo, de baixa – impossibilitada, portanto, de lhe responder. O que seria grave. Também não fez esforços para obter um comentário do director do jornal, quando estava a fazer acusações tão graves.

- Nunca, na troca de mails que se seguiu, e durante a qual acabei por ficar bastante baralhada em relação ao que seriam as suas intenções e o conteúdo da sua crónica, o provedor teve o gesto simples, e que teria clarificado a situação, de me enviar os textos que dizia terem sido copiados, para que eu pudesse olhar para eles e confrontar o que foi escrito.

Se o tivesse feito, eu teria percebido que havia dois parágrafos muitíssimo colados ao texto publicado pela “New Scientist”. E ter-lhe-ia dito que isso é um erro, e não deveria ter acontecido, até porque tinha outras fontes – que consultei e não citei, como os vários comunicados de imprensa sobre o tema e o próprio artigo científico na Nature.

Só posso dizer que terá sido um facilitismo usar aqueles parágrafos em que o assunto já estava bem explicado, e não os trabalhar mais. Posso reconhecer um erro e dar a mão À palmatória.

- Mas, para que isso aconteça, preciso de poder ver e comparar todos os dados – coisa que o provedor não me facilitou. Optou antes por um comportamento que considero eticamente discutível: deixou as acusações que me parecem mesmo graves para a última hora, e nunca as tornou claras, nem quando instando a clarificar o que queria dizer (é insuficiente apresentar-me umas frases em inglês que parecem traduções das minhas, sem identificar a sua origem não me dizem nada).

- Finalmente, produziu uma crónica que é altamente difamatória. O caso do jornalista do San António Express dispensado por plagiar informação da Wikipedia é bem mais grave do que isso. Quem estava em causa era a provedora daquele jornal, e o que estava em causa eram vários tipos de informação que usava sem fazer qualquer tipo de atribuição, como se pode ler nesta notícia da “Editor & Publisher” de que faço aqui cut and paste:

San Antonio 'Watchdog' Exits Amid Plagiarism Charges

By E&P Staff

Published: January 03, 2007 1:00 PM ET

SAN ANTONIO The "Watchdog" columnist for the San Antonio Express-News has resigned after being accused of plagiarizing material from several Web sites, including Wikipedia.

Jacqueline Gonzalez, the readers' help Watchdog columnist -- and also administrative assistant to Robert Rivard, the newspaper's longtime editor -- resigned Tuesday. She had worked for the Express-News for three years.



Bob Rivard

A fellow employee had discovered that she used information from Wikipedia in a Dec. 25 column on the birth date of Jesus, without attribution, the paper reported today.

This led to a probe of 25 columns Gonzalez had written, which turned up two other examples of material taken from Web sites without attribution, the newspaper said.

"Nothing is more important to us than the trust of our readers," Rivard said in the paper's report. "They have to know with some certainty that we act swiftly and unequivocally in the face of such a transgression."

The Watchdog section remains on the paper's Web site but the most recent entry now comes from Dec. 4, 2006, nearly a month ago.

The Express-News revealed today that in a Nov. 20, 2006, Watchdog column about wedding insurance, Gonzalez "plagiarized whole phrases and only slightly rewrote other information from a Web site of the Insurance Information Institute.

"The other example was from a Dec. 4, 2006, Watchdog column in which the research staff found Gonzalez had lifted information about identity theft from the AES/PHEAA Investigative Services Web site. AES is an acronym for American Education Services. PHEAA is the acronym for the Pennsylvania Higher Education Assistance Agency.

"The Express-News ethics policy is clear on attributing sources."

Quanto ao caso de Jason Blair, do The New York Times, aqui vai o que o enciclopédia on-line recorda sobre o caso, para que se tenha uma noção das devidas proporções:

Plagiarism and fabrication scandal

On April 28, 2003, Blair received a call from *Times'* national editor Jim Roberts, asking him about similarities between a story he had written two days earlier [\[1\]](#) and one written by [San Antonio Express-News](#) reporter Macarena Hernandez on April 18. [\[2\]](#) Hernandez had had a summer internship at *The Times* years earlier, and had worked alongside Blair. She contacted *The Times* after details and quotes in Blair's story appeared exactly the same as in hers.

Blair's plagiarism of Hernandez's article was so blatant that it led to further pressing by *Times* editors, who asked him to prove that he had, in fact, traveled to Texas and interviewed the woman in his article. After being unable to provide proof, Blair resigned from *The Times* on May 2, 2003. Following the resignation, a full investigation of all of Blair's articles began.

An internal report was commissioned by *Times* editors, with a committee consisting of 25 staffers and three outside journalists, led by assistant managing editor Allan Siegal. The Siegal committee discovered that 36 of the 73 national news stories Blair had written since October 2002 were suspect, ranging from fabrications to copying stories from other sources.

A small sample of the suspect articles:

- In the April 19, 2003 piece "In Military Wards, Questions and Fears From the Wounded", Blair described interviewing four injured soldiers in a naval hospital. He never went to the hospital and only spoke to one soldier on the phone, to whom he later attributed made-up quotes. Blair wrote that the soldier "will most likely limp the rest of his life and need to use a cane," which was untrue. He said another soldier had lost his right leg when it had only been amputated below the knee. He described two soldiers as being in the hospital at the same time, when in fact they were admitted five days apart. [3]
- In the April 7, 2003 piece "For One Pastor, the War Hits Home", Blair wrote of a church service in [Cleveland](#) and an interview with the minister. Blair never went to Cleveland; he only spoke to the minister on the phone, then copied most of the article from an earlier *Washington Post* article. He also stole quotes from [The Cleveland Plain Dealer](#) and *The Daily News*. He made up a detail about the minister keeping a picture of his son inside his Bible, and got the name of the church wrong. [4]
- In the April 3, 2003 piece "Rescue in Iraq and a 'Big Stir' in West Virginia", Blair claimed to have covered the [Jessica Lynch](#) story from her home town of Palestine. Blair never traveled to Palestine, and his entire contribution to the story consisted of rearranged details from [Associated Press](#) stories. [5]
- In the March 27, 2003 piece "Relatives of Missing Soldiers Dread Hearing Worse News", Blair again pretended to be in [West Virginia](#), and stole quotes from an Associated Press article. He claimed to have spoken to one relative who had no recollection of meeting Blair; said "tobacco fields and cattle pastures" were visible from Lynch's parents' house when they were not; erroneously stated that Lynch's brother was in the National Guard; misspelled Jessica Lynch's mother's name; and made up a dream that he claimed she had had. [6]
- In the March 3, 2003 piece "Making Sniper Suspect Talk Puts Detective in Spotlight", Blair claimed to be in [Fairfax, Virginia](#). He described a videotape of [Lee Malvo](#), the younger defendant in the case, being questioned by police and quoted officials' review of the tape. No such tape existed. Blair also claimed a detective noticed blood on a man's jeans leading to a confession, which did not occur. [7]

- In the February 10, 2003 piece "Peace and Answers Eluding Victims of the Sniper Attacks", Blair claimed to be in Washington, stole quotes from a *Washington Post* story and made up quotes from someone he had not interviewed. Blair ascribed a wide range of facts to a man featured in the article, almost all of which the man in question denied. Blair also published information that he had promised to the man was off the record. [8]
- In the October 30, 2002 piece "US Sniper Case Seen as a Barrier to a Confession", Blair wrote that a dispute between police authorities has ruined the interrogation of suspect [John Muhammad](#), and that Muhammad was about to confess, quoting unnamed officials. This was swiftly denied by everyone involved. Blair also named certain lawyers as having witnessed the interrogation who were not present. [9]

The Times reported on Blair's journalistic misdeeds in an unprecedented 7,239-word front-page story that ran on May 11, 2003, headlined "Times Reporter Who Resigned Leaves Long Trail of Deception." The story called the Blair scandal "a low point in the 152-year history of the newspaper."

[\[edit\]](#) The fallout

Following the revelations of Blair's deceit, *The Times* moved to uncover how management had allowed a young reporter with what appeared to be obvious problems to rise so quickly in the paper's ranks. The Siegal committee, after a months-long investigation, found "a series of management and operation breakdowns" and "a stunning lack of communication within the newsroom." It found that Blair's quick advancement may have become favored as part of a "star system" that advanced some reporters close to then-executive editor [Howell Raines](#). "He was given a regular tenured reporting job despite the misgivings of his immediate boss," the report said of Blair. "He was put on high-profile national assignments with his new supervising editors receiving no notice of the serious problems that had marked periods in his previous four years at the newspaper."

Both Raines and managing editor [Gerald M. Boyd](#), considered partially culpable for Blair's indiscretions, resigned a month after Blair's departure.

The Siegal committee made several recommendations, many of which have since been instituted at the paper, including the appointment of a public editor to encourage access to the paper and to monitor readers' complaints about the paper's performance.

The Blair scandal also stoked much controversy and debate over [affirmative action](#) hiring. Blair's editor, Jonathan Landman, told the Siegal committee he felt the fact that Blair was African-American played a large part in his initial promotion to full-time staffer. "I think race was the decisive factor in his promotion," he said. "I thought then and I think now that it was the wrong decision." [10] *Newsweek* reporter [Seth Mnookin](#) similarly believes that Blair was fast-tracked because of the *Times*'s desire for a more [diverse](#) workforce.

On May 14, 2003, while he was still *Times* executive editor, Howell Raines (who is white) acknowledged at a massive meeting of *Times* news staffers, managers, and its

publisher, Arthur Sulzberger Jr., that Blair had gotten the breaks he had enjoyed, because of his race. Five days later, however, black *Times* op-ed columnist Bob Herbert asserted in his column that race had nothing to do with the Blair case: "Listen up: the race issue in this case is as bogus as some of Jayson Blair's reporting." [11]

Blair wrote the memoir *Burning Down My Masters' House: My Life at the New York Times* (ISBN 1-932407-26-X), published on March 6, 2004. In the book, he accused *The Times* of racism, and described his ethical lapses as the result of previous drug problems and bipolar disorder.

After resigning from *The Times*, Blair returned to college and said he planned to go into human resources. Though he remains a controversial figure, Blair has gained some public acceptance as an advocate for the mentally ill. Blair has made efforts to start support groups, counsel families and those with mental illnesses, and has spoken to college and business audiences about mental health and substance-abuse issues.

Assim sendo, considero que o provedor do PÚBLICO teve um comportamento muito leviano ao conduzir este caso, que me afecta directamente, e produziu uma crónica que lesa a minha credibilidade (o maior património de um jornalista) de que uma forma muito grave.

Nunca se devem publicar acusações tão graves ou desprestigiadas sem ouvir todas as partes envolvidas de forma justa, e dar-lhes a conhecer de forma CLARA e TRANSPARENTE as acusações que estão a ser formuladas contra alguém. Isto é um princípio básico que deve orientar a prática do jornalismo – e que eu tento seguir. Não pretendo escamotear erros, os erros acontecem e devem ser corrigidos. Mas gostaria de ter tido a oportunidade de comentar, de me justificar e até de penitenciar de uma forma justa, e isso não aconteceu, devido ao comportamento secretista do provedor.

Clara Barata